

Araujo, Gabriel Antunes. 2000. Morfologia não-concatenativa em português: os *portmanteaux*. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 39: 5-21.

MORFOLOGIA NÃO-CONCATENATIVA EM PORTUGUÊS: OS *PORTMANTEAUX*

GABRIEL ANTUNES DE ARAÚJO¹
Vrije Universiteit, Amsterdam

“Well, ‘slithy’ means ‘lithe and slimy’. ‘Lithe’ is the same word as ‘active’. You see, it’s like a *portmanteau* — there are two meanings packed into one word.”
Humpty Dumpty, em *Through the Looking Glass*.
Lewis Carroll

Abstract

Morphologists working on Brazilian Portuguese have generally neglected the study of non-concatenative morphological operations, such as blending, acronym formation and truncation, perhaps influenced by the opinions of normative grammarians, who claim that these mechanisms of word-formation are arbitrary and unpredictable (cf. Basílio 1987, Sandmann 1991). In this paper, I will concentrate on blending (*portmanteau morphemes*) in Brazilian Portuguese and show that the processes involved in their creation are quite regular. A formal account of this phenomenon, involving both its morphological and phonological aspects, will be provided. The paper is organized as follows: In section 1, I give a description of the phenomenon of blending, a discussion of its cross-linguistic relevance and of the way it is formally treated in the literature. In section 2, I will sketch the essentials of Optimality Theory (Prince and Smolensky 1993), more in particular the version of OT known as Correspondence Theory (McCarthy and Prince, various publications), which will serve as the theoretical framework of my study. Section 3 discusses the general aspects and the constraints that are active in blending formation. Finally, section 4 contains the concluding discussion and some suggestions for further research. It also contains a list of Brazilian Portuguese blending examples.

0. Introdução

Portmanteau é o nome dado ao processo de formação de palavras por composição que amalgama duas formas existentes em uma nova, “dois significados embrulhados em uma só palavra”. Este processo é produtivo e atestado interlingüísticamente, inclusive no Português do Brasil (PB). No entanto, este processo, como outros processos morfológicos não-concatenativos, como truncamento (*clipping*), jogos de linguagem e acronímia, por exemplo, recebem pouca ou nenhuma atenção dos lingüistas. Este trabalho discute a natureza morfológica dos portmanteaux (seguindo os modelos desenvolvidos por Bat-el (1993) e Pineros (1998)), destacando sua relevância para a teoria da Morfologia e para a teoria lingüística em geral, posto que este processo, como outros fenômenos lingüísticos, é regular e obedece a uma gramática. A Teoria da Otimidade (OT), desenvolvida inicialmente por Prince e Smolensky (1993), será o principal norte teórico deste trabalho. Na seção 1, apresento as principais características dos portmanteaux,

¹ Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada no Congresso da *Associação Brasileira de Lingüística* na cidade de Florianópolis em fevereiro de 1999. Gostaria de agradecer a Angel Mori, Filomena Sândalo, Leonardo Oliveira, aos presentes no encontro da *Abralin* e a um revisor/parecerista destes *Cadernos* por comentários e sugestões. No entanto, os erros que persistiram são de minha responsabilidade.

sua ocorrência interlingüística, a maneira pela qual os lingüistas os vêm tratando e suas abordagens nas morfologias gerativas lineares e não-lineares. Além disso, apresento alguns processos não-concatenativos do português, ainda que de maneira breve, pois não se encaixam no escopo deste trabalho. A seção 2 apresenta o quadro teórico no qual este trabalho está inserido, a saber, a Otimalidade e a Teoria da Correspondência. Na seção 3, apresento as restrições e suas motivações para tratar os portmanteaux em uma visão de restrições. A seção 4 apresenta as conclusões e as perspectivas para estudos futuros da formação não-concatenativa de palavras em português. No apêndice há um pequeno *corpus* com exemplos de portmanteau.

1. Os Portmanteaux

Portmanteau (palavra-valise) é o resultado de um processo de composição no qual duas palavras são sobrepostas, com eventual perda de material segmental (elementos fonológicos ou silábicos) resultando na formação de uma nova palavra. Nestas composições são mantidas as características prosódicas² de um dos elementos componentes. Os portmanteaux podem preservar as características prosódicas dos elementos componentes à direita ou à esquerda (voltarei a estas questões mais adiante). Em (1) tem-se dois exemplos do PB³:

- | | | |
|-----|----------------|--------------|
| (1) | vampiro | componente 1 |
| | vampeta | portmanteau |
| | capeta | componente 2 |
| | gelo | componente 1 |
| | gelouco | portmanteau |
| | louco | componente 2 |

A composição portmanteau é recorrente em várias línguas. As características dos portmanteaux, tanto em português, quanto em inglês, espanhol ou hebraico são basicamente as mesmas. Isso desautoriza qualquer suposição que aloca esses compostos em lugares especiais da morfologia. Se os portmanteaux são produtivos, regulares e regidos pelas mesmas restrições em várias línguas do mundo, logo eles possuem ou uma gramática própria ou, pelo menos, a mesma gramática que restringe os processos de composição, reivindicando, assim, um lugar na teoria morfológica. Em (2), apresento exemplos de palavras portmanteau em inglês, hebraico (Bat-el 1993) e em espanhol (Píneros 1998). C1 e C2 representam os componentes 1 e 2, respectivamente, P representa o portmanteau:

- | | | | |
|-----|-----|------------------------|---|
| (2) | (a) | [swiss]C1 | ‘suíça’ |
| | | [swatch]P | ‘swatch’ (marca de relógios suíços) |
| | | [watch]C2 | ‘relógio’ |
| | (b) | [brexá]C1 | ‘piscina’ |
| | | [brexóf]P | ‘piscina na praia’ |
| | | [xóf]C2 | ‘praia’ |
| | (c) | [dedo]C1 | ‘dedo’ |
| | | [dedocracia]P | ‘democracia que se faz através do voto erguendo o dedo’ |
| | | [democracia]C2 | ‘democracia’ |

² A localização dos acentos primários, nos portmanteaux, respeita o sistema geral da língua portuguesa. Mais especificamente, o acento no portmanteau respeita a posição original do acento da base componente 2, isto é, aquela mais à direita.

³ Trabalharei com formas ortográficas sempre que possível.

Como mostrado em (1), a morfologia dos portmanteaux é produtiva em português. Apesar de um portmanteau ser claramente uma palavra composta por (pelo menos) outras duas, sua estrutura interna não é visível a processos morfológicos. Os portmanteaux podem ser afixados ou flexionados, no entanto, a afixação se dá nas margens dos compostos, ou seja, de maneira semelhante às palavras ordinárias da língua. Assim, o plural de **paitrocínio** é **paitrocínios** e não *paistrocínio ou *paistrocínios. O diminutivo de **gelouco** é **gelouquinho** e não *gelinho-louco. Além disso, a afixação com *des-* e *-ção* ocorrem, respectivamente, na margem esquerda e direita da palavra, como em *desburrocratização*.

Assume-se, contudo, que a morfologia do português brasileiro é majoritariamente concatenativa, isto é, a formação de palavras em português privilegia a ordem linear dos elementos que compõem as palavras flexionadas e compostas. A morfologia concatenativa é exemplificada a seguir:

- (3) (I) derivação prefixal (prefixo concatenado a um morfema lexical)
in + feliz → infeliz
- (II) derivação sufixal (sufixo concatenado a um morfema lexical)
feliz + mente → felizmente
- (III) composição (morfema lexical concatenado a outro morfema lexical)
ponta + pé → pontapé

Os estudos morfológicos do PB têm se dedicado à descrição de palavras existentes e àquelas consideradas *novas*, ou seja, não-dicionarizadas (Basílio 1987, Sandmann 1991). Trata-se da descrição da nomenclatura nos processos de formação de palavras, nomenclatura muitas vezes oriunda da gramática tradicional. Lee (1992, 1996) tem se dedicado à busca de uma explicação para a formação de palavras dentro da Teoria da Fonologia Lexical e da Fonologia Lexical Prosódica, sem, no entanto, discutir as questões aqui apresentadas. Os manuais de morfologia desconsideram os processos não-concatenativos quando as línguas em que ocorrem tais processos são majoritariamente concatenativas. Kelly (1998) trata da questão a partir de uma análise quantitativa. Bauer (1983, 1988) argumenta que a formação dos portmanteaux é randômica e arbitrária, destacando ainda que “não há princípios aparentes guiando a maneira pela qual as duas palavras originais são mutiladas” (Bauer 1988:39). Pius ten Hacken (1994: 117), por sua vez, menciona os processos de composição portmanteau, truncamento e acronímia, sem, no entanto engajar-se na busca por uma explicação formal.

A morfologia não-concatenativa do português apresenta, pelo menos, os seguintes processos de formação de palavras, freqüentemente renegados pelos trabalhos em português de teoria da morfologia⁴:

- (4) (I) Portmanteau: sobreposição, com apagamento de material, de dois elementos formando

⁴ A *Língua do Pé*, neste trabalho, foi considerada como uma morfologia não-concatenativa templática. No entanto, essa classificação está alicerçada na hipótese de que a *língua* faz uso das estruturas lingüísticas do português, acrescentando os templates para formarem os dialetos, conforme a seguir:

dialeto A (infixo-sufixo -pê-)
menina → mepênipênepê
peste → pespêtepê
dialeto B (harmonia vocálica, infixo-sufixo -pV-)
gelo → gepelopo
livro → lipivropo ~ lipivpropro
dialeto C (prefixo-infixo pê-)
calça → pêcalpêça
amor → pêapêmor

um novo:

carnaval + natal → carnatal
 monstro + menstruada → monstruada

(II) Truncamento: mutilação de uma palavra existente, sem alteração de significado:

cerveja → cerva
 flagrante → flagra

(III) Acronímia: a partir de letras/sílabas iniciais das palavras de um nome, frase ou título forma-se uma nova palavra:

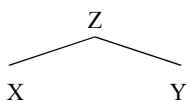
Faculdade de Engenharia Civil → FEC ['fɛki]
 Banco Brasileiro de Descontos → Bradesco

(IV) derivação parassintética⁵: derivação em que se combina a derivação prefixal com a sufixal, sem que exista vocábulo isolado formado pela primeira nem pela segunda.

em + pobr + cer → empobrecer (*pobrecer, *empobrar)
 en + tard + ecer → entardecer (*entardar, *tardecir)

O fato relevante que associa intimamente estes processos em (4) é a semelhança na intersecção de aspectos fonológicos e morfológicos em suas formações. Assim, ora temos cópias do padrão vocálico (língua do pê); ora temos palavras concatenantes mantendo elementos fonológicos ou silábicos em comum, e ainda preferências por pés padrões das línguas — troqueus formados da esquerda para a direita — (cérv, flágra, fê[ki], etc...) nos exemplos de truncamento e acrônimos. Desta forma, uma tentativa de morfologia para explicar essas formações não-concatenativas passará, necessariamente, pela interface entre a morfologia e a fonologia⁶.

Pharies (1987) busca, no quadro da fonologia gerativa clássica um modelo explicativo para tratar dos compostos portmanteaux. Para as morfologias lineares, os compostos, em geral, possuem a seguinte estrutura:

(5)  onde Z é o composto, X e Y são os componentes

Esta estrutura prevê que os compostos⁷ consistam de (pelo menos, posto que é recursiva) dois componentes que podem ocorrer como elementos livres em uma sentença (Hacken 1994:25). No entanto, sobre os compostos portmanteaux, em oposição aos compostos X+Y → Z (como pontapé, secretário-geral, etc.) não se pode afirmar que a estrutura interna seja como em (5). Uma tentativa no arcabouço da morfologia linear seria estipular regras que apagassem ou sobrepussem segmentos de um dos componentes. Seguindo estes princípios, Pharies (1987) observa que os compostos portmanteaux resultam da aplicação de duas operações:

- (6) (I) encurtamento de pelo menos um dos componentes
 (II) concatenação dos componentes encurtados.

⁵ A composição parassintética é não-concatenativa considerando-se o ponto de vista linear, ou seja, a adjunção dos elementos ocorre *necessariamente* de forma simultânea. Ocorrências que militam em prol das formas *tardecir e *entardar, por exemplo, seriam descartadas, pois estas formações são proibidas pela língua portuguesa. O espanhol, no entanto, permite *tardecir*, fato relevante para uma teoria da variação intra e interlingüística.

⁶ O objetivo deste texto é fornecer uma tentativa de explicação formal para os componentes morfofonológicos e prosódicos do processo. Naturalmente considerações semânticas devem ser mantidas em foco quando se trata de fenômenos de formação de palavra especificamente e fenômenos lingüísticos em geral.

⁷ Para uma discussão detalhada sobre a natureza dos compostos ver Hacken 1994.

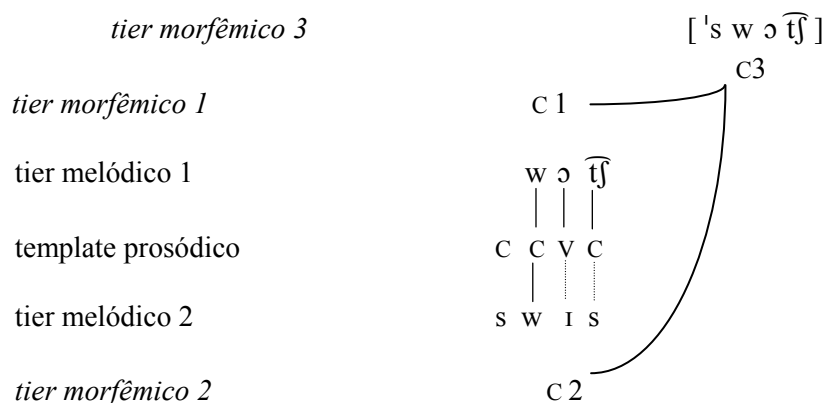
Baseado nisso, pode-se supor que o processo ocorre esquematicamente da seguinte maneira:

COMPONENTE 1	COMPONENTE 2	RESULTADO
[pilantra]	[filantropia] →	<i>pilantropia</i>
(I) encurtamento C1 + C2 →	(II) concatenação → <i>pilantropia</i>	
[p + ilantropia]	→	<i>pilantropia</i>
[pi + lantropia]	→	<i>pilantropia</i>
[pil + antropia]	→	<i>pilantropia</i>
[pila + ntropia]	→	<i>pilantropia</i>

Apesar de estipular regras I e II, a análise linear é incapaz de apontar o *locus* dos encurtamentos, ou mesmo de evitar que eles se apliquem a várias formas, como [[p] + [ilantropia]] ou [[pil] + [antropia]]. Não há explicitação do mecanismo formal que impeça concatenações não existentes ou mesmo a formação de candidatos anômalos ([[pil] + [tropia]], por exemplo). A motivação para o esvaecimento ou preservação de segmentos fonológicos ou sílabas idênticas também não fica demonstrada. Naturalmente, o que se vê é que processos não-concatenativos impõem dificuldades às morfologias (e fonologias) lineares.

Fonologias (e morfologias) autossegmentais são respostas teóricas às dificuldades apresentadas pelas morfologias não-concatenativas e *root-and-pattern* (como as morfologias das línguas semíticas, por exemplo). Partindo do ponto de vista não-linear, Janda (1986) estabelece um paralelo entre a Fonologia Autossegmental (Goldsmith 1976) e a Morfologia. A idéia básica defendida supõe que, da mesma maneira que a sílaba pode ser associada com mais de um suprasegmento e vice-versa, os morfemas também o podem. Em (7), utilizarei o aparato formal da fonologia autossegmental, em que linhas de associação (linhas cheias) se referem à preservação do material segmental das formas componentes, e linhas pontilhadas representam o material desligado:

(7) swiss['swɪs] + watch ['wɒtʃ] ⇨ swatch ['swɒtʃ]



Essa análise apresenta grandes avanços em relação ao tratamento linear. Seu poder explicativo é maior. A noção intuitiva de que o portmanteau possui, apesar de ser um composto, uma estrutura prosódica de *uma* palavra é formalizada na combinação das estruturas das formas componentes em um único template, garantindo-se assim que o portmanteau apresente apenas uma palavra prosódica⁸. As linhas de associação permitem a visualização da junção de dois morfemas

⁸ Palavra prosódica é uma categoria morfológica composta por uma raiz, radical, palavra lexical, etc. (McCarthy e Prince 1993:323). A palavra prosódica possui um acento primário.

em um plano multidimensional; as linhas pontilhadas mostram que o portmanteau dispensa material segmental de cada um dos seus componentes e as linhas sólidas indicam o material mantido.

Todavia, não há como defender o lugar de onde os elementos serão retirados, pois, não fica demonstrada a motivação para que o segmento fonológico /w/, presente nos dois componentes, seja associado ao composto portmanteau a partir de sua forma componente 1, em detrimento do componente 2, isto é, o que faz com que o segmento /w/ seja originário de uma forma componente ou de duas? Assim, não há uma relação direta associando os componentes e suas afinidades segmentais com o portmanteau. Por fim, Janda argumenta que o fator de economia articulatória, isto é, a quantidade de energia utilizada na produção da ocorrência, como, por exemplo, abreviar uma palavra, motivaria a sobreposição. É possível que haja um grau de motivação articulatória envolvido nessas formações não para garantir sua formação *a priori*, mas, possivelmente, para evitar que sílabas mal-formadas na gramática da língua apresentem-se no portmanteau, como *pi/n.tro.pi.a. Assim posto, o fator de economia articulatória não é formalizado o suficiente para servir como argumento para este tipo de análise, sendo portanto dispensável.

2. Uma análise por restrições: Teoria da Otimalidade e Teoria da Correspondência

Como foi apresentado na seção 1, as análises por regras (lineares e não-lineares) falham na busca de uma explicação para as morfologias não-concatenativas por não poderem, a partir de suas ferramentas, analisar processos como sobreposição, encurtamento e concatenação não-linear. A crise das fonologias não-lineares dos anos 70 e 80, sobretudo no que diz respeito às regras e representações fonológicas favorecem o advento da OT. A idéia corrente era que a gramática universal (UG) possuía princípios invioláveis. A insatisfação com os vários modelos lingüísticos crescia à medida que dados permaneciam inexplicados. Oriunda deste cenário, a OT redefine o foco da pesquisa lingüística através de uma nova interpretação das restrições da UG, ou seja, onde antes havia restrições invioláveis, tem-se agora restrições violáveis. Melhor dizendo, todas restrições são violáveis. Archangeli & Langendoen (1996) chama atenção para o fato de que “a OT redireciona nossa pesquisa para os universais lingüísticos”. A pesquisa em OT resolve o problema dos “universais não-universais”, uma vez que nela os universais não representam o mesmo papel em todas as línguas, e sua hierarquização garantirá a diversidade entre as línguas do mundo.

A Teoria da Otimalidade permite ver os problemas fonológicos (sintáticos e morfológicos, etc.) de um ponto de vista baseado em restrições, abandonando a visão padrão de regras ou derivações. Para a OT as restrições são hierarquizadas (ordenadas) umas em relação às outras. A função Generator (GEN) geraria, a partir de um input, infinitos candidatos possíveis a serem avaliados para a gramática da língua. Evaluation (EVAL) confrontaria os candidatos gerados pelo GEN e aplicaria as restrições. Essas restrições formam a gramática universal (UG). É o ordenamento das restrições que moldam as línguas e, conseqüentemente, as diferenças entre esses ordenamentos resultam em gramáticas de línguas diferentes. Os principais pressupostos da OT — seguindo Prince & Smolensky (1993:357-8) são dados a seguir:

- (8) (i) violabilidade: restrições são violáveis, porém a violação é mínima;
- (ii) hierarquia: restrições são hierarquizadas em cada língua, a noção de violação mínima (ou de melhor-satisfação) é definida nos termos dessa hierarquização;
- (iii) inclusão: os candidatos analisáveis, os quais são avaliados pela hierarquia de restrições, são admitidos por considerações gerais de boa-formação estrutural; não há regras específicas, nem estratégias de reparo com descrições específicas da estrutura ou mesmo de mudanças estruturais, sequer com relação a restrições específicas;

(iv) paralelismo: a melhor-satisfação da hierarquia de restrições é computada além de toda a hierarquia e do grupo de candidatos.

As restrições supramencionadas podem ser violadas, ou minimamente violadas. Violar restrições deixa de ser um problema formal. A seleção dos candidatos é apresentada em caixas, os tableaux. O tableau abaixo ilustra a notação da OT:

(9)

CANDIDATOS	A	B
a. + k-cand1		*
b. k-cand2	*!	

Em (9) assume-se uma gramática composta por duas restrições, A e B. A função GEN gera infinitos candidatos possíveis (por motivos de espaço, são representados somente dois dos candidatos gerados). Nesse tableau, A domina B ($A \gg B$), ou seja, A é hierarquicamente superior à B. O candidato *k-cand1* viola a restrição B e não viola A; o candidato *k-cand2*, por sua vez, se comporta contrariamente. No tableau, ‘*’ significa uma violação à restrição. ‘*!’ significa uma violação crucial, essa notação é utilizada quando existe confronto de interesses entre candidatos. Quando A e B discordam sobre um par de candidatos, a decisão do candidato ótimo passa a considerar a hierarquização de suas violações.

A Teoria da Correspondência, originalmente desenvolvida para oferecer respostas aos processos de reduplicação, pode ser estendida àqueles que envolvam interface entre a morfologia e a fonologia. Nos processos de reduplicação, o reduplicante (R) imita uma parte ou a base (B) toda. Há, então, uma relação de correspondência entre R e B. A relação de correspondência entre R e B é formalizada através de famílias de restrições. A família de restrições MAX (maximização) garante que todos os elementos presentes na base sejam repetidos no reduplicante. A família de restrições DEP (dependência) garante que os elementos presentes no reduplicante sejam apenas os presentes na base. Estendendo esses princípios, McCarthy e Prince interpretam os processos de epêntese e deleção como conseqüências de violações de DEP e MAX, respectivamente. Ou seja, em uma cadeia de segmentos de um input S1 {abc}, MAX requer que o output seja {abc}. Por outro lado, DEP requer que todo elemento no output tenha um correspondente no input. Os tableaux seguintes ilustram as violações:

(10) VIOLAÇÕES DE MAX

input {a b c}	MAX
a. + {a b c}	
b. {a b}	*!
c. {a}	**!
d. { }	***!

VIOLAÇÕES DE DEP

input {a b c}	DEP
a. + {a b c}	
b. {a b c d}	*!
c. {a b c d e}	**!
d. {a b c d e f}	***!

Propostas de McCarthy e Prince (1995b) têm levantado a hipótese segundo a qual dois outputs podem ser relacionados um ao outro através de relações de correspondência. Isso permite afirmar que há uma classe de outputs gerada a partir de inputs abstratos (relação I/O ‘normal’) e uma outra classe de outputs gerada a partir de outputs. Considerando que o input, ele mesmo, não

contenha informações prosódicas, pois a estrutura prosódica pode ser derivada dos templates (veja Hammond 1995 que estende essa hipótese ao máximo, propondo a inexistência do Léxico, ou Golston 1996) e que a estrutura prosódica seja exclusiva dos outputs, pode-se, tentativamente, assumir que, os portmanteaux têm acesso direto às formas do output⁹. Lembro que os portmanteaux possuem o acento primário de sua base constituinte localizada à direita, reforçando a visão de que o acesso se dá aos componentes já formados. O significado dos portmanteaux está atrelado aos significados de seus componentes, reforçando a utilização dos outputs na sua formação (supondo, é claro, que elementos de ordem semântica não estão no input.).

3. Os portmanteaux e restrições

A principal característica dos portmanteaux é a amalgamação de seus componentes, isto é, não ocorre simplesmente combinação linear de elementos formativos, mas esses elementos são fundidos a partir de um ponto comum. Essa amalgamação se dá através de concatenação ou sobreposição. Em ambos os casos há perda de material segmental por parte de um ou até mesmo de ambos os elementos componentes. A manutenção do acento primário do componente à direita, a tendência para o portmanteau ficar com o mesmo número de sílabas de um dos seus componentes e a localização em direção às margens (direita ou esquerda) da palavra composta sugere que a sobreposição e a concatenação sejam restritas a princípios de uma gramática.

Uma observação fonológica dos portmanteaux leva a conclusão de que há uma tendência de compartilhamento de material segmental, isto é, os componentes possuem vogais, consoantes (ou glides) ou traços em comum que podem ser sobrepostos ou adjungidos.

(11)

a. **g e l o** (consoante compartilhada)

```

| | |
g e l o u c o
  | | | |
  l o u c o

```

b. **l a d r ã o** (traço compartilhado: *r* e *l* são coronais)

```

| | | |
l a d r u f
  | | |
  m a l u f

```

c. **p a i** (sobreposição da base-constituente 1)

```

| | |

```

⁹ Os portmanteaux trazem um bom exemplo de considerações sobre a generalidade do acento lexical e sua localização genética, ou seja, o local (input ou output) onde o acento é atrelado à palavra. Bisol (1998:11) defende que o português organiza as sílabas de suas palavras em pés binários de cabeça à esquerda e que o acento lexical é atribuído desconsiderando-se a vogal temática da palavra. Há, todavia, palavras marcadas que obedecem ou obedeceram (diacronicamente) outros princípios de atribuição do acento. A palavra CAFÉ possui o acento no elemento mais à direita, desconsiderado a vogal temática. A palavra CHÁ, monomorfêmica e monossílaba tônica forma um portmanteau com a palavra CAFÉ. Dessa junção nasce a palavra CHAFÉ. Uma boa tentativa seria defender a localização imprevisível do acento de CHAFÉ partindo da hipótese que o falante nativo tenha acesso à “história da palavra” e que, por conseguinte, esse acento é idiossincrático. Outra tentativa seria postular que o portmanteau acessa a palavra na sua forma de output, isto é, com o acento lexical já definido, e haveria então restrições que se aplicariam tendendo a manter o acento lexical do elemento oriundo dos componentes do output localizados mais à direita no portmanteau formado.

p a i t r o c í n i o
 | | | | | | | |
 p a t r o c í n i o

A função da restrição DIS (Bat-el 1993) é expressar essa correspondência:

- (12) DIS um portmanteau possui um elemento (vogal, consoante, ou traço) que ocorre em ambos os componentes da base

Essa restrição garante a composicionalidade do portmanteau. A importância dessa restrição garante sua hierarquização na posição mais alta do tableau.

Bauer (1988:39) sugere que “não há princípios aparentes guiando a maneira pela qual as duas palavras originais são mutiladas”. Em verdade, *aparentemente* não há princípios que orientem essas formações. Todavia, uma análise mais demorada conclui que a formação do portmanteau é regular (dentro de suas especificidades), logo, analisável, e pode lançar luz na compreensão dos processos de formação de palavras nas línguas naturais.

Como já visto na seção 2, as restrições MAX e DEP militam contra a deleção e a epêntese de segmentos, respectivamente. Os portmanteaux são resultados do conflito entre as restrições DIS e as de correspondência, MAX e DEP. Dessa maneira o portmanteau ótimo será escolhido a partir da interação de restrições DIS, MAX e DEP. Mais acuradamente, deve ser considerada a possibilidade de que, em português, as restrições MAX e DEP se aplicam tanto no nível silábico, quanto no nível fonológico. As restrições a seguir consideram essas possibilidades:

- (13) MAX σ cada sílaba em ambos os componentes das bases deve ter uma sílaba correspondente no portmanteau
 MAX SEG cada segmento em ambos os componentes das bases deve ter um correspondente no portmanteau
 DEP σ cada sílaba em um portmanteau deve ter uma sílaba correspondente no componente da base
 DEP SEG cada segmento em um portmanteau deve ter um segmento correspondente no componente da base

Nos portmanteaux do PB, ocorre tanto a manutenção de sílabas quanto de segmentos. Os exemplos a seguir demonstram que muitas vezes a fronteira entre os elementos do portmanteau ocorre de maneira a preservar a sílaba ou de maneira a associar-se a um elemento fonológico¹⁰:

- (14) can <tora♦a>triz → cantriz [kɜ́'tris]
 show <♦co>mício → showmício [ʃow'misiw]
 barrig <a♦alug>uel → barriguel [bahi'gew]¹¹

Posto isto, a hierarquização das restrições deve estar alicerçada no output-portmanteau. Para averiguar as possibilidades, ordenarei as restrições com o objetivo de verificar a geração do portmanteau realmente atestado. O tableau a seguir, mostra a geração do portmanteau namo<rado♦ma>rido:

- (15)

¹⁰Adiante, seguindo Bat-el (1993), os compostos serão apresentados da seguinte forma abc<de♦fg>dhi, ou seja, o material entre colchetes angulares foi subtraído, o quadrado representa a fronteira entre eles e os elementos em negrito representam o material comum compartilhado.

¹¹ As formas ortográficas com *gu* são representações da realização fonética [g].

input: namorado, marido	DIS	MAX SEG	DEP SEG	σ MAX	σ DEP
a. + namo<rado♦ma>rido		*	**	***	*
b. na<morado♦>marido		***!	**	***	*
c. namorado <♦marido>	*!	**	*	***	
d. <namorado♦>marido	*!	!****	**	!****	

Nesse tableau o candidato A é escolhido como ótimo por violar menos a restrição MAX SEG, ou seja, apenas o elemento *a* da palavra *marido*, por não estar presente em ambos os componentes, é apagado. No candidato B, *o* e *a* são apagados, assim, ele é melhor por violar menos MAX SEG. Os candidatos C e D são preteridos por não conterem elementos comuns da base no portmanteau. Além disso, violam σ MAX (*ma*, *ri*, *do*), (*na*, *mo*, *ra*, *do*) respectivamente três e quatro vezes. O tableau de *gelouco* confirma a hierarquia:

(16)

input: gelo, louco	MAX SEG	DEP SEG	σ MAX
a. + ge<lo♦>louco		*!	*
b. gelo<♦lou>co	*!		*

Nesse tableau, o candidato A viola σ MAX em *ge*, o candidato B o faz em *lou*. No entanto, B viola MAX SEG ao deletar o segmento *u*. A insere *u* na palavra *gelo(u)*, no entanto, como a restrição DEP SEG está ordenada abaixo das outras, essa violação não é relevante.

O portmanteau, como já foi visto, é prosodicamente semelhante a um de seus constituintes: tende a possuir, consistentemente, o mesmo número de sílabas e também o mesmo padrão acentual. Aplicam-se restrições que garantem essa similaridade prosódica dos portmanteaux com um de seus elementos formativos. Duas restrições garantem essa similaridade:

- (17) MAX (σ , SEG) maximização da sílaba dos constituintes
 cada sílaba em um constituinte tem um correspondente no portmanteau.
 DEP (σ , SEG) dependência da sílaba da constituinte
 cada sílaba no portmanteau tem um correspondente na constituinte .

Um portmanteau nunca contém segmentos que não estão presentes nos seus constituintes. No entanto, frequentemente, alguns segmentos são abandonados. Os segmentos em um portmanteau podem ter correspondência com dois segmentos nas bases constituintes, isto é, podem ser ambimorfêmicos. Essa observação é garantida pela restrição DIS. Dessa maneira, a escolha do candidato ótimo (os elementos ambimorfêmicos estão sublinhados) considera a seguinte hierarquia: DIS, MAX σ e MAX SEG.

(18)

input: flamenco, merda	DIS	MAX SEG	MAX σ
a. flamenco<♦>merda	!*!		***!
b. fla<menco♦>merda	!*!	**	**
c. + fla <m <u>en</u> co♦> m <u>er</u> da	m	**	**

O candidato A é eliminado por não ser um portmanteau, ou seja, possui uma palavra prosódica recursiva. Os candidatos B e C alinham os limites de suas palavras, violam o mesmo número de sílabas e de segmentos, no entanto, C possui um elemento em comum (sublinhado), o fonema /m/, fato este que o qualifica como candidato ótimo¹².

¹² No portmanteau “flamerda”, o elemento comum é o fonema /m/ uma vez que a diferença entre [e] e [ɛ] não pode ser desprezada, como aponta um parecerista.

A interação dessas restrições (DIS, MAX σ e MAX SEG) explica porque compatibilidade fonêmica entre os constituintes dos portmanteaux é um fator crucial na sua boa-formação. Para cada par de segmentos formados por duas formas da base, o output ótimo pode evitar uma violação de MAX (σ , SEG) considerando os critérios de ambimorfemicidade. A compatibilidade fonêmica ajuda o portmanteau a encontrar uma identidade ótima com o constituinte correspondente. Com DIS dominando MAX (σ , SEG), quanto maior a compatibilidade fonética entre os constituintes, tanto mais similar a elas será o portmanteaux. Dessa forma, palavras como *pilantropia*, por violarem minimamente a família de restrições de correspondência, ou seja, o número de elementos apagados na formação da palavra é mínimo, são mais facilmente recomponíveis em seus constituintes do que palavras como *flamerda*, em que há perda de muitos elementos.

Resta ainda determinar o *locus* preciso da sobreposição nos portmanteaux. Duas palavras morfológicas podem começar e terminar no mesmo ponto. Considere o portmanteau *adultescente*. *Adulto* aparece do lado esquerdo por ter maior compatibilidade fonética com as sílabas iniciais de *adolescente*. Isto é importante para entender a agramaticalidade de **adolescentulto*. Mesmo que ambas as formas (a aceita e a agramatical) respeitem o alinhamento, somente a primeira explora da melhor maneira a compatibilidade fonêmica entre as duas bases constituintes, evitando violações de MAX (σ , SEG).

A ambimorfemicidade representa um duplo papel, permitindo por um lado a preservação prosódica (σ , SEG) e, por outro, também o alinhamento. Isso explica o porquê das escolhas feitas pela função GEN de uma maneira regular, afinal todos os portmanteaux apresentam um padrão regular. Ainda deve-se considerar o fato de que há uma *tendência* para que os portmanteaux mantenham-se fiéis ao seu constituinte mais curto, ou seja, com menor número de sílabas. Nesse sentido, manter-se “fiel” é entendido como preservar o maior número de elementos possíveis, posto que, estatisticamente, trocar um fonema em uma palavra que contenha cinco sempre será mais significativo do que mudar um fonema em uma que contenha oito ou dez, conforme aponta um parecerista. Isso se torna evidente quando as sílabas sobrepostas contêm um número diferente de elementos:

- (19) C1 **m u . d a n . ç a**
 C2 **m u n . d o**
 P **m u n . d a n . ç a**

Em (19), a sílaba sobreposta contém dois e três elementos respectivamente. McCarthy e Prince (1995) analisam a relação entre segmentos internos através da restrição CONTIGUIDADE:

- (20) CONTIGUIDADE

INPUT	I-CONT (C1)	a porção da base constituinte 1 que permanece em correspondência forma uma cadeia contígua
OUTPUT	O-CONT (C2)	a porção da base constituinte 2 que permanece em correspondência forma uma cadeia contígua

A relação de dominância entre as duas restrições deve formalizar a tendência de que o portmanteau mantém-se fiel à base-constituinte que funciona como núcleo do composto. Em (22), apresento o tableau de *mundança*:

(21)

input: mundo (C1), mudança (C2)	I-CONT	O-CONT
a. + mun<do ♦ mu> dança	d o	m u
b. <mundo ♦ mu> dança	m u n d o !	m u
c. m<undo ♦ mu> dança	u n d o !	m u
d. mu<ndo ♦ muda>nça	n d o !	m u d a !

O melhor candidato é *a* porque ele deleta segmentos do constituinte 1, *d* e *o*, mesmo se isso ocorre em detrimento de O-CONT, ordenado abaixo. Caso o ordenamento fosse invertido, ou seja, O-CONT » I-CONT ter-se-ia C como candidato ótimo, o que não é o melhor dos mundos. Em outras palavras, caso o candidato *c* fosse escolhido, ter-se-ia um portmanteau “mdança”, isto é, uma forma agramatical.

4. Conclusão

Tendo em vista o exposto acima, proponho a seguinte hierarquia:

- (22) DIS » MAX σ » DEP σ » MAX SEG » DEP SEG
I-CONT » O-CONT

Como apontado acima, há uma tendência geral no comportamento dos compostos portmanteaux. Tal tendência se confirma na previsibilidade das ocorrências, isto é, nem todo portmanteau possuirá a mesma estrutura, no entanto, eles tenderão a se comportar de uma forma previsível. A premissa básica na formação do portmanteau é categórica, ou seja, manter elementos comuns, embora a perda dos elementos dos constituintes será dependente do ponto de intersecção desses elementos comuns. Adicionalmente, um portmanteau tende a possuir o mesmo número de sílabas de sua base constituinte com mais sílabas, por exemplo, *a.dul.tes.cen.te* (cinco sílabas) mantém a mesma estrutura silábica de *a.do.les.cen.te* (cinco sílabas), embora haja casos em que isso não se mantém como em *ge.lou.co*. Por conseguinte, os portmanteaux que não possuem o mesmo número de sílabas que uma de suas bases violará mais vezes a restrição MAX. Por outro lado, o portmanteau que possui menor número de sílabas, violará DEP mais vezes.

A análise da morfologia não-concatenativa dos portmanteaux demonstra que esse processo de formação de palavras não obedece a uma gramática “específica”, posto que a formação portmanteau consiste em restrições ordenadas hierarquicamente, fato comum a qualquer gramática de uma língua natural. Neste trabalho, busquei verificar o mecanismo de formação do portmanteau considerando o porquê da escolha de uma formação e não de outra, ou seja, perguntei-me porque o resultado do composto ‘gelo+louco’ era ‘gelouco’ e não ‘geloco’, ou ainda ‘PT+pentelho’ era ‘petêlho’ e não ‘petêntelho’.

Esta análise mostra que não foi vã a argumentação de Humpty Dumpty ao discutir com Alice sobre “palavras”. Pode-se dizer que, para Humpty Dumpty, existe uma realidade fonológica que em conjunto com uma realidade semântica garantem a formação de palavras: “take care of the sense, and the sounds will take care of themselves”.

Ainda há muito a ser feito, sobretudo no campo semântico, para se formar um quadro abrangente da morfologia no Português do Brasil. No entanto, esse quadro deve necessariamente incluir os processos tidos como marginais, uma vez que eles aumentam nosso conhecimento sobre os processos possíveis.

Apêndice

<i>constituente 1</i>	<i>constituente 2</i>	<i>Portmanteaux</i>
aborrecer	adolescente	aborrecente
adulto	adolescente	adultescente
aperto	apartamento	apertamento
asquerosa	escarola	asquerola
barba	cabeludo	barbeludo
barriga	aluguel	barriguel
Bélgica	Índia	belíndia
bosta	botânica	bostânica
brasileiro	paraguaio	brasiguaio
burro	burocracia	burrocracia
cantora	atriz	cantriz
chá	café	chafé
carnaval	natal	carnatal
covas	convalescente	covalescente
exagerado	gelado	exagelado (® Yopa)
fedor	perfume	fedorume
felicidade	diet	felicidiet
flamengo	merda	flamerda
forró	roça	forroça
gelo	louco	gelouco (® Coca-Cola)
globo	beleza	globeleza
ladrão	Maluf	ladruf
maratona	toma	maratoma
marido	noivo	marinoivo
meretriz	meretíssimo	meretríssimo
monitor	trouxa	monitrouxa
monstro	menstruada	monstruada
mundo	mudança	mundança
namorado	marido	namorido
óleo	heloísa	oleoísa
pai	patrocínio	paitrocínio
(PT) pete	pentelho	petêlho
pilantra	filantropia	pilantropia
pita	titanic	pitanic
português	espanhol	portunhol
prostituta	puta	prostiputa
promoção	mochila	promochila (® Gatorade)
renovação	vasco	renovascão
sábado	Doyle (Plínio Doyle)	sabadoyle
show	comício	showmício
solidariedade	arte	solidariedarte
spa	pé	spé
súcia	sociedade	suciedade
vampiro	capeta	vampeta

Referências

Archangeli, Diana & Langendoen, Terence. (1996) *Optimality theory: an Overview*. Oxford: Basil Blackwell.

- Bat-el, Outi. (1993) "Selecting the best of the worst: the grammar of Hebrew blends". *Phonology* 13: 283-328.
- Basílio, Margarida. (1987) *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática.
- Bauer, Laurie. (1983) *English word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (1988) *Introducing Linguistic Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Bisol, Leda. (1998) *Um estudo sobre a nasalidade*. Campos do Jordão. Ms.
- Carroll, Lewis. (1996) *The Complete Works*. John Tenniel (ed.) Hertfordshire: Wordsworth Editions.
- Goldsmith, John. (1976) *Autosegmental Phonology*. New York: Garland [publicado em 1979].
- Hacken, Pius ten. (1994) *Defining Morphology*. Zürich: Georg Olms Verlag.
- Hammond, Michael. (1996). *There's no Lexicon!* Ms.
- Janda, Richard. (1986) *Overlapping morphemes*. Berkeley: Berkeley Linguistic Society.
- Kenstowicz, Michael. (1994) *Phonology in Generative Grammar*. Oxford: Basil Blackwell.
- Kelly, Michael. (1998) "To 'brunch' or to 'brench': some aspects of blend structure". *Linguistics* 36 (3): 579-590.
- Kiparsky, Paul. (1982) "From Cyclic Phonology to Lexical Phonology" In: Hulst, Harry van der. *The Structure of Phonological Representations*. Dordrecht: Foris.
- Lee, Seung Hwa. (1992) "Fonologia Lexical do Português". *CEL* 23. Campinas: IEL/Unicamp.
- _____. (1996) "Morfologia e Fonologia Lexical do Português". *Sínteses* 1. Campinas: IEL/Unicamp.
- McCarthy, John & Prince, Alan. (1993a) "Prosodic Morphology" In: Goldsmith, John. (1993) *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Basil Blackwell.
- _____. (1993b) "Generalized Alignment". *Yearbook of Morphology*: 79-153.
- _____. (1995a) *The emergence of the unmarked*. Ms. Rutgers University.
- _____. (1995b) *Faithfulness and reduplicative identity*. Ms. Rutgers University.
- Pharies, David. (1987) "Blending in spanish word formation". *Romanistisches Jahrbuch* 38.
- Pineros, Carlos. (1998) *Prosodic Morphology in Spanish*. Ms. The Ohio University.
- Prince, Alan & Smolensky, Paul. (1993) *Optimality Theory*. Ms. Rutgers University/University of Colorado.
- Sandmann, Antônio. (1991) *Competência Lexical*. Curitiba: Editora da UFPR.
- Spencer, Andrew. (1991) *Morphological Theory*. Oxford: Basil Blackwell.
- Williams, E. (1981) "On the notions of 'lexically related' and 'head of a word'". *Linguistic Inquiry* 12: 245-274.

Gabriel Antunes de Araújo
g.antunes@usp.br